

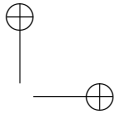
A Questão do fim da Arte e a Poeticidade do Mundo



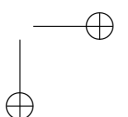
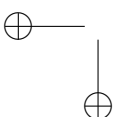
Kostas Axelos

Tradutor: Fernando Trindade

www.lusosofia.net



Texto republicado pela LUSOSOFIA com
autorização da Direcção da APF
[Associação de Professores de Filosofia](#)





LUSOSOFIA:PRESS

Covilhã, 2010

FICHA TÉCNICA

Título: *A Questão do fim da Arte e a Poeticidade do Mundo*

Autor: Kostas Axelos

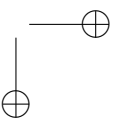
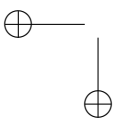
Colecção: Artigos LUSOSOFIA

Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: Filomena S. Matos

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2010



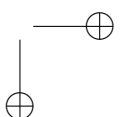
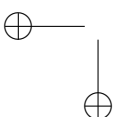


A Questão do fim da Arte e a Poeticidade do Mundo*

Kostas Axelos

O horizonte da poeticidade do mundo não pode começar a ser explorado senão após o nosso confronto prévio com uma questão crucial: a *questão* do fim da arte. Mais do que um problema, o fim da arte – destinado a perdurar – constitui uma questão aberta, posta ao e pelo pensamento. No seguimento de Kant que, na *Crítica da Faculdade de Julgar*, escrevia: “a arte detém-se algures, pois que um limite lhe é imposto, para além do qual não pode ir, limite que verosimilmente atingiu desde há muito e que já não pode ser diferido <reculée>”, Hegel, nos seus *Cursos sobre a Estética*, precisa a questão: “a arte é e permanece para nós, quanto à sua destinação suprema, uma coisa do passado. Por este facto, perdeu para nós tudo o que tinha de autenticamente verdadeiro e vivo, a sua realidade e a sua necessidade de outrora, e antes se encontra doravante relegada para a nossa *representação* [...] O que uma obra de arte suscita agora em nós é, ao mesmo tempo que a nossa fruição imediata, o nosso juízo, na medida em que submetemos à consideração pensante o conteúdo, os meios de exposição e a sua concordância ou não-concordância na obra de arte. Assim, na

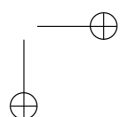
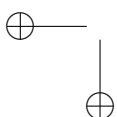
*Texto inédito gentilmente cedido pelo autor; originalmente publicado na Revista da [Associação de Professores de Filosofia](#), *Cadernos de Filosofia*, nº2 (Jan/1990 [sobre Heidegger]), pp. 100-110.





nossa época, necessitamos bem mais da *ciência* da arte do que nas épocas em que a arte, enquanto arte, assegurava por si mesma uma satisfação plena”. Estas palavras, talvez mais antecipadoras do que nostálgicas, foram pronunciadas por alguém para quem a arte é a *presentificação sensível do absoluto*. Por certo, obras de arte e movimentos artísticos viram a luz do dia, enfrentaram a iluminação dos museus, foram cerimoniosamente festejados, múltiplamente consumidos e abundantemente comentados e interpretados – depois da afirmação hegeliana. Mas a questão permanece posta: ultrapassam eles o horizonte aberto e circunscrito pelo pensamento de Hegel? A grande arte não findou? E que é feito da nossa relação com a grandiosidade? Fala-se muito nos nossos dias – e ainda mais se falará, certamente, amanhã – de arte e de experimentações artísticas, do que dá a ver, do poder das imagens e dos direitos ilimitados do olhar. Os comentários literários e as considerações eruditas – psicológicas, historiográficas e historicistas, sociológicas, estéticas – acumulam-se até não mais acabar. Mas não entrou desde já a arte na era do seu fim contínuo? Ela vive ou sobrevive? Figura destacada e decisiva da aberta *<éclaircie>* do mundo, tal era a arte quando era necessária e criadora, e isto nos seus altos e grandes momentos. De seguida, tornou-se – e torna-se cada vez mais – qualquer coisa que funde e se confunde com o meio ambiente: ela constitui, todavia, uma certa constelação de mostraçã, capta e emite signos.

No seguimento de Hegel, Marx pensa, em *Economia Política e Filosofia*, que “a arte [...], modo *particular* da produção, cai sob a sua lei geral”. Na sociedade em que domina a técnica da produção-consumação, a arte torna-se uma mercadoria. Às funções outrora vitais da arte sucedem-se saber e reflexões mais ou menos filosóficos e obras da técnica. Assim, “a minha verdadeira existência artística é existência *filosófico-artística* [...]. Identicamente, a verdadeira existência [...] da arte é a *filosofia da arte*”. Mais tarde, na *Introdução à Crítica da Economia Política*, Marx constata que





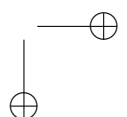
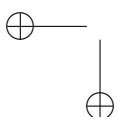
certas grandes criações artísticas que faziam época se tornaram impossíveis na idade da técnica.

E tanto para Hegel como para Marx, ainda que diferentemente, também a filosofia, enquanto filosofia, chegou ao seu estado final.

Para o pensamento questionante que vem depois de Hegel e Marx, Nietzsche e Heidegger, e tenta esboçar o passo seguinte, as palavras-chave tais como *verdade*, *realidade* e *autenticidade* estão por interrogar, devem ser postas em questão. Rodam sobre os seus eixos. Para além deles abre-se uma outra perspectiva. Pois é o mundo que se nos abre, após a clausura <clôture> da arte e da filosofia: “é” o enigma do seu jogo que dá que pensar, experienciar, edificar.

A arte tornou-se, com efeito, um assunto de representação e de imaginação, de prazer e de sentimentos, de reflexões e de juízos. Ao mesmo tempo, a arte desempenha um consideravelmente importante papel social. Sem poder escapar ao carácter sofrivelmente decorativo, epigonal e repetitivo da arte contemporânea, e numa atmosfera de medíocre aborrecimento onde tudo é interessante e indiferente, produtores e consumidores sucumbem com ou contra a sua vontade aos artifícios multiformes e ao destino da era planetária. Tomado assunto de estética, o que ainda se chama “arte” encontra o que surdamente se chama “vida”. Com efeito, ela acabou por encontrar uma das potências que marcavam a sua origem, a *techné*, o que quer dizer que se tomou, após um longo caminhar e tendo conhecido uma muda <mue>, um dos modos de fazer da omnipresente *técnica*. No pequeno mundo da subjectividade socializada e já não da comunidade, indivíduos-e-multidões entretêm-se com o espectáculo dito artístico, com sensações “vivas” e invenções de artifícios que devem ser sempre mais novas e ainda mais novas, sendo e permanecendo impreenchível a expectativa vazia, e não o enfrentamento do vazio.

O horizonte sob o qual pode ser posta ao e pelo *pensamento* inseparável de uma experiência do *mundo* a questão do passado-

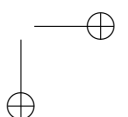
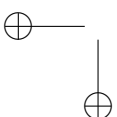




presente-porvir<*aveni*> da arte não pode senão permanecer aberto. Para além da clausura, para além do “fim da arte” e do “fim da filosofia”, abre-se a questão da nossa relação ao que precede este fim, o atravessa e vem depois dele. Dito de outro modo, a compreensão da arte, da filosofia e do segredo da nossa época. Os pontos de vista habituais, as categorias metafísicas ou anti-metafísicas, não nos ajudam já a pensar e a experienciar o que foi e perdura, o que é presente, ligado ao passado e ao futuro <*futur*>, o que enquanto porvir mergulha as suas raízes no passado, atravessa o presente – que não se reduz nunca à actualidade – e nos atrai para si. Que é que se torna a abertura que constituía a arte, que a arte instituíra? No fim da filosofia – à qual sucedem *ciências e técnica* – uma necessidade de pensamento permanece sempre vivaz, ainda que este pensamento não esteja no gosto do dia e só raramente se torne visível. Este pensamento remonta aquém da filosofia (metafísica), atravessa-a e abre, caminhando, um “outro” horizonte. Ele abre-se ao *mundo* e deste faz a experiência, sem o subordinar a fundamentos e princípios idealistas ou contra-idealistas. Mas também constelações e fragmentos artísticos fazem parte integrante do que se oferece ao pensamento e à experiência. Pois o que permanece sempre em suspenso, mesmo para uma arte sem grande destino, é o destino das coisas do mundo que se oferecem a uma mostraçã plástica. A abertura do espaço-tempo do seu jogo constitui o epicentro da questão do fim da arte.

É a poesia – no sentido forte do termo – que anima e ritma a arte, toda a arte. Conjuntamente com a arte desenvolve-se <*se déploie*> uma poesia cantada, falada, depois escrita. Mas “a própria

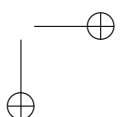
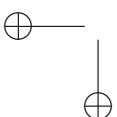
www.lusosofia.net





poesia não pode já ser uma figura determinante da verdade”, escreve Heidegger. No entanto, o conseguir sobrelevar <relever> a *errância* não é dado a nenhuma concepção de verdade. Compreender a “verdade” como *alétheia*, como rectidão ou como adequação entre o pensamento e as coisas, como uma espécie de erro (Nietzsche) ou mesmo como desvelamento incluindo o retraimento <retrait> ou como clareira do retraimento (Heidegger), deixa em suspenso uma questão decisiva: abrem-se radicalmente, todas estas compreensões da verdade, à *errância*, não sómente do homem ou da história mundial, mas igualmente de todas as nossas interpretações e transformações do *mundo*? Não nos mantemos nós sempre na *errância*? Pode-nos ser dado *corresponder-lhe*, como podemos também ignorá-la e tentar voltar-lhe as costas, quando justamente nos encontramos no erro – subtil ou grosseiramente. Não é forçoso pensar, compreender e experimentar a *errância* negativamente, como uma falta de verdade ou urna aberração humana, qualquer coisa a preencher ou a ultrapassar: ela desenvolve-se como ritmo do *mundo*, constelado por signos, figuras e formas-e-conteúdos infigurativos. Compreender significa corresponder a uma *questão*. E toda a grande questão não pode senão permanecer aberta e fecundante, respeitante aos homens que, postos em jogo, põem em jogo.

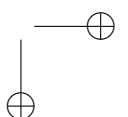
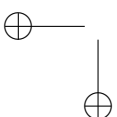
Enquanto poesia, a poesia já não ritma o grande e o pequeno mundo. Ainda que mantendo sempre uma relação com a sua proveniência, ela transmuta-se frequentemente em literatura. Num certo sentido, Hölderlin e Rimbaud são e permanecem os últimos grandes poetas. Pois neles se trata da tentativa suprema de abolir a barreira entre poesia e vida, tentativa que resulta poeticamente e se despedaça contra a prosa da vida. Eles atingem o extremo da poesia. Sob um céu vazio e sobre uma terra impoética, são forçados ao silêncio. Depois deles, há certamente ainda e sempre poetas: poetas do fim contínuo da poesia, nos cumes, artesãos das belas-artes, da literatura, nos vales. A linguagem tende a autonomizar-





se, O que se chama *literatura*, bem como a classificação de certos textos do passado sob esta rubrica, é um fenómeno moderno e relativamente recente. Desde que existe enquanto tal, ela comporta, nos seus altos momentos, algumas grandes obras (cuja prosa pode ser poética), prometidas a uma longa vida e a múltiplas leituras, muitas obras medianas e uma vaga ininterrupta de produções correntes que, nem sempre desprovidas de um pequeno talento, não param de versejar na mediocridade e na insignificância e se consomem instantaneamente. Também neste domínio, como em todos os domínios, a *diferença* faz problema e a mediocridade e a insignificância possuem a sua própria necessidade e significação. Um processo, digamos, novo, insuficientemente tomado em consideração, é amplamente encetado: a literatura apodera-se de tudo – pois não só a poesia, mas igualmente a filosofia, a ciência e a política tomam uma feição literária -, entrou também ela na fase do esgotamento das suas forças vivas – fase destinada a durar – e torna-se essencialmente actividade escrita. Concomitantemente, a coisa chamada livro torna-se altamente problemática e o jornalismo triunfa rasteiramente.

Tentando orientar-nos para o horizonte da poeticidade do mundo para corresponder à sua abertura, encontrámos a questão do fim da arte, da poesia e da literatura. Para além das obras de arte instiuídas, para além da poesia enquanto obra humana cantada, falada, escrita –, para além da literatura institucionalizada ou revoltada, para além das explicações externas – e redutoras – da arte e da poesia ou das leituras estreitamente internas, oferece-se a nós, não como refúgio, a experiência da *poeticidade*, experienciada, falada, pensada, trabalhada <*agie*>. Este “para além” não exclui, antes inclui o que de qualquer maneira se realizou e se continua a desenrolar. A poeticidade desenvolve-se como poeticidade do *mundo* e arrebatá-nos. Mundo não significa aqui a totalidade dos mundos particulares: físicos, humanos, sociais, estéticos, culturais. Sem ser ou existir, ele *desenvolve-se* como



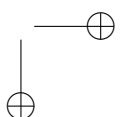
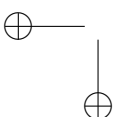


horizonte invisível de todas as coisas visíveis, jogo que se joga multiplamente, *abertura* de todas as aberturas efectivas ou possíveis. Nós somos aqueles que pertencem ao jogo da poeticidade do mundo, mesmo quando o não reconhecemos. Principalmente, não é este ou aquele artista, poeta ou pensador que nele nos introduz, ainda que os iniciadores sejam necessários; é a disponibilidade para com o *mundo*. O que permaneceu o impensado maior e que nós chamamos mundo, manifestou-se epocalmente – sem aí se esgotar – na história mundial. Esta, virtualmente acabada enquanto história, abre-se com acentuada dificuldade à época planetária, já não parece poder produzir o radicalmente novo e chamamos para nos pormos em sintonia com o ritmo do tempo que realiza e prepara. Quer o queiramos ou não, somos ritmados pela omnitemporalidade constantemente tridimensional na qual e pela qual surgiu e se começa a concluir a história, configuração visível de uma cadeia de épocas. Pois o que nós chamamos devir <*devenir*> continua bem mais vasto do que a história. Mas forma ou formará ainda uma *época*, ou inscreve a sua marca no fim das épocas, o que no curso do devir está destinado a advir <*advenir*>, uma vez concluída a era das épocas? À *tecnicidade* mundial que agora açambarca tudo o que é e se faz poderia corresponder positiva e negativamente uma experiência “iné dita” da *poeticidade* do mundo.

O que tentamos chamar *mundo* foi e permaneceu impensado através de todos os pensamentos e experiências do “sentido” do que é e da sua totalidade.

Quando o mundo era interpretado e configurado no horizonte da *physis divina*, a actividade humana, que se desenvolvia conforme à *physis*, compreendia-se como *poïesis* e como *techné*.

Quando o mundo era interpretado e configurado sob o horizonte do *Deus criador*, a actividade humana que obedecia à lei de *Deus* compreendia-se, por sua vez, como *creatio*.

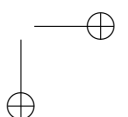
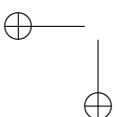




Quando o mundo foi interpretado a partir do *homem*, o *sujeito* que punha e fundava, este sujeito apoderava-se de tudo, tudo se tornando objecto da sua *representação* e do seu *fazer*.

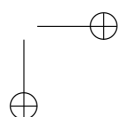
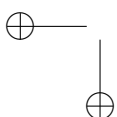
A physis divina grega faleceu, morta pelo Deus judaico-cristão. Este mesmo Deus falece, isto é, retira-se e é morto pelo homem que quer ocupar o lugar deixado vago e erguer-se como senhor. O próprio homem, enquanto sujeito triunfante, centro e sentido de tudo o que é, começa a morrer, encontra-se descentrado, não tem fundamento: a subjectividade em vão se socializa, flutua em pleno vazio.

Uma quarta instância toma o poder, começando a concluir universalmente a modernidade europeia e instituindo a era planetária: o dispositivo da técnica multiforme e omnipresente invade tudo e o todo, querendo preencher o nada e o vazio. Ela instaura-se como império ilimitado escapando sempre para diante, fornecendo o instrumento mais do que instrumental da perpétua produção-consumição, fabricação e usura, da permanente rotação do antigo e do novo. A técnica planetária cujo enigma – o foco de onde recebe o seu impulso <élan> –, ainda por interrogar, salvo em raros ensaios de pensamento, constitui o que se impõe ao pensamento da época, forma a constelação dominante do mundo visível e parte ao assalto do invisível. Ela quer-se posta em ordem, sempre reposta em movimento, organização e reorganização sem repouso, administração e gestão tecnocráticas de poder quase absoluto; provoca a natureza e o homem em vista de um rendimento sempre acrescido, engendra descobertas, invenções, combinações e manipulações que a radicalizam, a amplificam e a orientam para um objectivo sem fim previsível; tudo removendo de alto a baixo, ela funciona como o motor de mobilização do todo, bem como de todos os detalhes, mobilização global que se vai acelerando – numa estagnação histórica geral. A empresa da técnica planetária visa açambarcar o “próprio” *mundo* que permanece invisível e generalizadamente deixa de fazer questão. É ele, no entanto, que nos questiona, nos põe em questão.





Que se tomaria então, na configuração técnica, o jogo das relações entre o prosaico e o poético? Ao *tecnicismo universal* poderia corresponder, com tanto apego quanto desapego, uma experiência da *poeticidade do mundo*. Das duas faces do mesmo Janus uma fixar-se-ia sobre o visível, tentando a outra prescrutar o invisível. Mas qual seria a relação com a poeticidade cujo elemento é a transfiguração das figuras da vida quotidiana? Antes mesmo de pôr esta questão, uma questão prévia se impõe: pensamos, experimentamos nós o que tão massificadamente chamamos vida? Tudo parece indicar que não. A própria vida se encontra, no entanto, impregnada de arte e poesia – e das suas recaídas. A poeticidade em questão, sem se deixar ainda formular em termos de proposições predicativas ou atributivas, não reduzindo pois a linguagem, mais aberta do que se pensa, e sem formular prescrições que petrificam a vida, poderia arrebatá-nos e, emergindo do abismo, acompanhar-nos amigavelmente na nossa vida de homens, de mortais. Lugares não topológicos e instantes não cronológicos oferecer-se-iam assim a uma experiência e a uma linguagem habitadas, pois nós podemos também habitar a errância. A poeticidade do mundo de que aqui se faz questão não estaria na ordem do dia ou na ordem da noite, não constituiria uma presença constante ou uma ausência negativamente sentida. Corresponder ao jogo do tempo – sempre passado, presente, porvir -, às suas situações, às suas instâncias e aos seus instantes, significa não recuar diante da luz e das trevas que pertencem ao horizonte e que alumiam e obscurecem, no curso do incessante jogo da transmutação, tudo o que surge retirando-se. O tempo do *mundo* emerge sobre fundo de sem-fundo; nesta e através desta emergência, a natureza geradora deixa-se descobrir, caminhando a sociedade humana a par de um produzir. Também nenhuma estância *<demeure>* se despega inteiramente do “chaos”. O tempo, simultaneamente movimento incessante e repouso supremo, pois que repousa na sua omnitemporali-

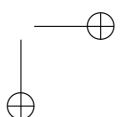
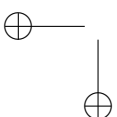




dade, engendra e repete, dá e retoma, fecunda e arruína. Mas também as ruínas são falantes e não podemos riscá-las do horizonte.

A poeticidade que nos interpela e requer, nos faz e nos desfaz, que anima o que fazemos e desfazemos, ou antes, o que se faz e se desfaz através de nós, pode ser provada, dita, pensada e experimentada – sem se petrificar. Talvez ela não reclame tanto “obras, criadas para a eternidade”, fabricações inconsistentes que se esgotam no que o efémero tem de mais superficial, mas antes uma disponibilidade a respeito do que nos arrebatava e a que correspondemos transfigurando-o – sem que tenha uma figura inicial. A arte não se tomou o objecto da estética, que faz do “belo” um valor em si e um sector específico da acção cultural, senão a partir do momento em que ela deixou de ser arte – *quanto à sua destinação suprema*. A arte não dá nascimento a puras “formas”, antes põe plasticamente em obra fulgurações do mundo, plenas de “conteúdo”. Nela se encontram unidos – indissolúvelmente? – os sentidos e o sensível e as significações e o sentido. Não é senão muito tardiamente que se instituem as oposições entre forma e conteúdo: no tempo em que a arte se tornou matéria para deleitação e tema de teorizações poetizantes ou científicas. A poesia só se tornou um eminente exercício de linguagem, lírico ou prosaico, despegando-se do jogo que liga num todo o Um-Todo, mundo-e-linguagem. Mesmo quando se autonomiza, como o fez, ela permanece, de certa maneira, sob a constelação soberana. Mas o seu texto tende a tornar-se pretexto para fantasias gratuitas ou estudos eruditos artificialmente nutridos pelos artifícios verbais do texto contra o qual investe, exacerbando-os. Quando a poesia e a arte se davam ao apelo do *mundo* e o formulavam, rumavam também a vida dos homens, escapando-lhes ao mesmo tempo. À abertura intensa e fulgurante, sucede uma aventura excitada e/ou moderada.

Poesia e arte não pertencem ao reino dos sonhos <*songes*>. No entanto, poesia e arte têm também a ver com a ilusão <*mensonge*> – nem voluntária nem consciente -, sobretudo quando nos

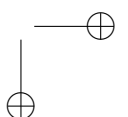
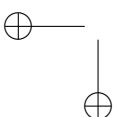


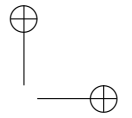


relacionamos com essas criações sem que a nossa existência efetiva seja por isso transfigurada. Esta ilusão impõe-se como incontornável e ainda não avançamos por aí além na sua exploração.

A questão que implica esta ilusão, por ela implicada, parece anulada <annihilée> pela técnica conquistadora que provoca e mobiliza tanto o “real” quanto o “imaginário”; a indústria cultural mais não é do que uma das suas manifestações. A técnica do palavreado e do espectáculo, da “mediação” e da “comunicação”, da “informação” e da “participação” excita e entorpece indivíduos atomizados, atarracados no seu narcisismo estéril, e multidões às quais se propõem e se impõem saciações que bloqueiam a atenção e a desviam dos desafios decisivos. E os homens e os povos são impedidos, nesta organização democrático-totalitária da satisfação e da falta, de abrir um acesso à sua inquietude fecunda, de conhecer momentos aprazíveis e de se mover com disponibilidade. Cada um em particular e a sociedade em geral se encontram manipulados – assim ou de outro modo -, não por um senhor supremo ou por poderosos senhores, mas sobretudo pela própria *técnica* – as suas produções e o seu funcionamento, os seus simulacros e as suas simulações – que, *abrindo e fechando* possibilidades, de tudo faz uma peça da sua engrenagem e nos mergulha na estupefacção <béance>. Mas a estupefacção pode também ter uma certa relação com a abertura. A ordem do mundo tecnicizado é para suportar e pôr em questão; e é preciso não esquecer nunca que se os mundos “pré-tecnicistas” conheceram – após o seu apogeu – o seu afundamento, ao mesmo tempo que continuam a transmitir uma mensagem, é porque o seu fundamento não podia evitar ir ao encontro do sem-fundo, do abismo. As atitudes de esperança utópica ou de desesperança, a espera de uma salvação ou a resignação, já não convêm. No entanto, um impulso que recebe e que dá é sempre possível.

A poeticidade cujos clarões poderiam iluminar o nosso caminho não oferece um refúgio. Para além do culturalismo enervado e





completamente usado, para além das sensações estéticas e das diversões literárias, poder-se-ia abir um caminho: percorrido e por percorrer, cheio de rastros e sempre por abrir. Através e para além da banalidade e da prosa das nossas vidas, e sem aceitar a separação estanque entre o prosaico e o poético, poder-se-iam abrir o *mundo* e os seus *fragmentos*, na sua *poeticidade*, horizonte que simultaneamente se abre e se fecha, cheio e vazio.

